



Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita

Jacqueline Authier-Revuz

RESUMO – Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. O texto trata dos enlaces entre linguística e escrita: dos laços opacificantes não como insucessos ou ajustamentos da interação, mas como pontos sensíveis no avanço do dizer onde, para o enunciador, aflora a linguagem, a consistência e a resistência da língua. Demonstra-se que há uma unidade fundante da atividade linguageira que repousa sobre a materialidade da língua e a relação humana com a linguagem. Assim, textos literários, entre outros, dizem coisas essenciais ao linguista da enunciação sobre a linguagem e a relação de uma escrita com o campo da prática linguageira comum, da qual ela se distingue, mas no seio da qual emerge a ligação profunda à *experiência humana*, fundante, da linguagem.

Palavras-chave: **Linguística. Escrita. Sujeito. Prática Linguageira. Experiência Humana.**

ABSTRACT – Stops on Words: the language of skills in enunciation and writing. The text addresses the links between language and writing: links opacifiers not as failures or adjustments of the interaction, but as sensitive points in advance of say where, for the speaker, touches on the language, its consistency and strength. It demonstrates that there is a foundational unit of language studies activity that rests on the materiality of language and the human relationship with language. Literary texts, among others, say essential things of enunciation linguist on language and writing relationship with the common field of language studies, from which it differs, but within the which emerges from the deep connection to human experience with the language.

Keywords: **Linguistics. Writing. Subject. Linguageira Practice. Human Experience.**

É como linguista, *tendo o cuidado da escrita*, que enfocarei este *cuidado da língua* na escrita. É de um modo necessário, pois, que meu percurso de linguista me conduziu aos territórios da escrita literária. A partir da descrição de formas específicas da enunciação, de retorno – paradas em seu curso por uma de suas palavras – sobre ela mesma, a interrogação sobre o que este campo metaenunciativo de dizeres esclarece sobre a atividade linguageira e os modos para os sujeitos de habitar a linguagem não poderia, a meu ver, *amputar-se* dos testemunhos agudos, extremos, vitais à linguagem, postos em jogo nesta prática e experiência *de linguagem* que é a escrita.

Se se pensa que se consagrar à escrita – quer dizer, à linguagem – não pode, sem dúvida, separar-se de certa *surpresa* (inicial) diante da linguagem e da língua (de matizes os mais diversos: admiração, gratidão, gula, desconfiança, desgosto, escândalo, exílio, desespero...), como não ir em busca, com interesse, do lugar específico que cada texto, cada escrita faz, nela mesma, para esta voz metaenunciativa que, em todo dizer – oral escrito – testemunha os encontros pontuais, pelo enunciador, de uma resistência da língua ao seu apagamento naquilo *que é o evidente* do dizer?

Disto que se faz em todo dizer – que suas paradas-sobre-palavras revelam algo de um retorno – genérico, situacional, pessoal à linguagem – a escrita confere uma *forma* por este trabalho de e sobre a linguagem que lhe é específica, de modo a atingir posições enunciativas extremas, arriscadas, paradoxais no retorno à linguagem que executa.

A Parada-sobre-palavra da Modalização Autonímica

Dois *modos de dizer* se opõem no que concerne ao segmento *caridade* nos enunciados (1) e (2):

- (1) Seria necessário um pouco de caridade nesta ocasião.
- (2) a) Seria necessário um pouco de caridade, digo efetivamente caridade, nesta ocasião.
- b) Seria necessário um pouco, eu vou dizer, de caridade nesta ocasião.
- c) Seria necessário um pouco disto que se poderia chamar de caridade nesta ocasião.

(1) apresenta um dizer *simples*: a nomeação do referente se efetua diretamente ao modo de uma ilusão de transparência, na qual o signo se apaga na sua função de mediação. Nas diversas formas de (2), que ressaltam o modo complexo, desdobrado, do dizer – reflexivo e opacificante – que é o da modalidade autonímica¹, o signo *se interpõe* como real, presença, corpo – com seu significado e seu significante – sobre o trajeto do dizer e se impõe como objeto deste. A enunciação do signo, em vez de se cumprir *simplesmente* no esquecimento que acompanha as evidências inquestionadas, redobra-se de uma representação

dela mesma, duplicando a referência à coisa por meio de uma autorreferência à palavra pela qual ela nomeia a coisa.

As formas, muito diversas, pelas quais, de modo geral, os dizeres suspendem localmente o seu curso, param sobre uma de suas palavras, como os enunciados seguintes dão uma pequena mostra²:

- (3) Quando você vir alguém que faz **besteiras**³, *não há outra palavra*, com uma tal desenvoltura [...]
- (4) A gente estava num **albergue**, *se se pode chamar aquilo de um albergue, enfim, um lugar*.
- (5) É uma razão **semiológica**, *para empregar um termo um tanto elegante*, que faz com que [...]
- (6) A linha política que ele exprime com frequência: uma defesa bastante **rugosa**, *como se diz no rugby*, dos princípios comunistas [...].
- (7) Este telhado a refazer, é um contratempo, *é o caso de dizê-lo*.
- (8) A meteorologia não está, *se ousa dizer*, **úmida**.
- (9) É um serviço do tipo/**braçal** que eles têm, *se você vê o que eu quero dizer*.
- (10) Estava cheio desses, *como vocês já disseram*/**mosquetões** pendurados pela cintura.

A criatividade metaenunciativa de modo algum é fechada nas formas tendencialmente fixadas, evocadas acima; é testemunha disso, por exemplo, o imenso laço reflexivo proustiano, com a sua suspensão desestabilizadora do curso *normal* do dizer, admiravelmente adequada ao que está em questão – a suspensão do curso normal das coisas:

- (11) Naquele momento seu gerente do hotel ter-me-ia dado o prazer se me pedisse para lhe dar o meu relógio, meu prendedor de gravata, minhas botinas, e assinar um documento que o reconhecia como meu herdeiro: de acordo com a bela expressão popular da qual, como as mais famosas epopeias, não se conhece o autor, mas que, como elas, e contrariamente à teoria de Wolf, certamente teve um (um destes espíritos inventivos e modestos assim que se encontra a cada ano, que fazem achados como “pôr um nome em uma figura”, mas cujo nome eles não divulgam), eu *não sabia mais o que fazia* [M. Proust, *À l'ombre des jeunes filles en fleur*, p. 510]⁴.

ou a dinâmica de uma recursividade metaenunciativa espontânea, repercutindo de um equívoco ao outro:

- (12) Ah, não, trocar bebês o dia inteiro, eu acho isso uma merda... no sentido próprio aliás, enfim, próprio⁵ [risos] se se pode dizer [Conversa no trem (moças falando do trabalho de babá), out. 1984].

Em todos esses pontos de modalização autonímica, o dizer se representa como parado, imobilizado diante de uma palavra que resiste ao seu apagamento, sua *consumação* funcional como meio, para se tornar também *objeto* do dizer, impondo-se na sua materialidade significante. Uma palavra que *resiste* e para o curso do dizer não é necessariamente o obstáculo sobre o qual se tropeça (como,

por exemplo, em (4) ou (10)), mas também a surpresa que prende a atenção (como em (7), (8) ou (12)): *é não importa que* na insubstituível singularidade *desta* palavra⁶ que é suscetível de *reter* por um momento o avanço do dizer.

A parada-sobre-palavra deve também ser entendida na dimensão propriamente temporal e rítmica do enunciado do dizer: o curso regular do dizer usual que fala *de coisas* se encontra, segundo modalidades muito diversas⁷ – suspenso, retido, travado... o tempo em que, no *mais adiante* de uma segunda etapa, reclinando-se sobre a primeira, desenrola-se o metadizer que fala *das palavras*.

Linguística e Cuidado da Escrita

Antes de retornar a este estrato metaenunciativo de paradas-sobre-palavras no dizer em geral e depois em algumas escritas, gostaria de precisar alguns aspectos da maneira como, para mim, linguística e escrita se enlaçam.

Para um sujeito, todas as combinações são possíveis quanto a estas duas posições: do vaivém, ou da interpenetração, à intolerância quase fóbica – não rara – à outra posição. No que me concerne, é em vários planos que a linguística e a escrita se cruzam. Como linguista da enunciação – concebida, entre outras, como inscrição do sujeito no seu dizer – a efetivação da escrita é um dos mais preciosos antídotos⁸ (ou escora, apoio...) contra a ideologia comunicacional dominante nas *Ciências da linguagem*. Isto passa pela convicção de que não há ruptura entre o dizer *comum* e a escrita, enraizados numa mesma experiência – humana – da linguagem; o mesmo real os sustenta: o da língua. A associação, acima, de Proust e da fala de uma adolescente, como exemplos de sofisticação metaenunciativa, significa mais do que um populismo do tipo *tudo vale*; sob a evidente diferença de estatuto, de qualidade, ela ressalta o reconhecimento, num nível fundamental, de uma solidariedade, de uma unidade do dizer espontâneo e da mais apurada escrita literária: em todos os casos está em jogo uma mesma materialidade da língua e um mesmo desafio subjetivo essencial, a maneira singular, para um sujeito, que é sujeito por ser falante, de se *colocar*, pelo seu dizer, na linguagem.

Esta questão do reconhecimento de uma solidariedade de práticas languageiras, ou, ao contrário, de uma separação entre prática *normal* e os exteriores radicais da escrita literária, da prática psicanalítica, da loucura... passa crucialmente pela concepção que se tem da linguagem e da relação do sujeito consigo próprio.

Se, quaisquer que sejam as variantes – pragmático-comunicacionais, psicolinguísticas, cognitivas... – se pensa o dizer como expressão intencional de um pensamento preexistente, numa relação instrumental com a linguagem, a escrita literária será separada oportunamente por um cordão de isolamento de atividades languageiras *usuais* ou *normais*, e a poesia classificada – como o faz Austin – dentre as *atividades parasitárias da linguagem*. Com efeito, as aventuras languageiras extremas vividas são rebeldes – por vezes de maneira

gritante – ao fechamento comunicacional. É claro que a sustentação disto que Lacan chama de *canalização comunicacional* só poderia eliminar Mallarmé, que teria mal demais a fazer passar pelos seus canais... Simetricamente, aliás, o próprio Mallarmé, na expressão teórica de sua mística da poesia, afaga esta separação, com sua distinção de um *duplo estado da fala*, relegando orgulhosamente *o emprego elementar do discurso* a um funcionamento *comercial* de comunicação, onde as palavras têm *uma função de moeda fácil e representativa*, em oposição à *piedade* que devota às palavras uma poesia que lhes *cede a iniciativa*...

Se, ao contrário, se pensa – sem entrar, ainda, em diferenças teóricas – como Merleau-Ponty, Benveniste, Lacan, por exemplo, que não há sujeito a não ser o de linguagem, e que a materialidade da linguagem, repousando sobre a língua, e não na relação de exterioridade ao sujeito que a utilizaria, como um instrumento, mas – como exterioridade interna – este *dentro no qual* ele se constitui, e no qual ele pode encontrar algo da sua verdade, então, a escrita – como também a prática psicanalítica de um outro modo – aparece, com a sua dimensão fundamental de aventura nas palavras (*inventar-se escrevendo*, diz H. Meschonnic), não como um território exótico (eventualmente prestigioso ou mesmo sacralizado), mas como prática languageira específica, portadora de modo exemplar de uma verdade da relação humana com a linguagem. Mais distante das ilusões espontâneas comuns (e necessárias) de controle pelo nosso pensamento da linguagem-instrumento – ilusões revezadas pelos modelos comunicacionais – é a verdade de um enunciador a *quem chega algo* que ele antes não sabia, nas palavras que escolhe dizer ou escrever, ou seja, que encontra, descobre, recebe algo da linguagem como materialidade na qual confia. E esta verdade é também aquela que anima as nossas trocas comuns, mesmo que, mais frequentemente, seja esvaída, ignorada, encoberta... escondida também em emboscada como revelam os lapsos: digo justamente isto, *animo*, porque é ela que faz com que falar ou escrever seja da competência do vivente – com a parte de não-controle, de imprevisto, de descoberta, de risco que comporta – e não apenas destes mecanismos à base de estratégias interativas, de jogos de implicações, cálculos dos cálculos do outro... que certas análises da conversação imputam às trocas languageiras, de maneira mortífera, mas felizmente fantasmáticas, sob os exteriores técnicos e racionais.

A meu ver, há uma unidade fundante da atividade languageira sob todas as suas formas – falas, escritos diversos, prática psicanalítica, escrita, loucura... – que repousa sobre a materialidade da língua e a relação humana com a linguagem – a de um sujeito efeito da linguagem – e, em decorrência, como esclarecimento recíproco, por suas próprias diferenças, das diversas práticas umas pelas outras. Assim, Mallarmé, Claude Simon, Nathalie Sarraute, Flaubert, Michaux..., dizem coisas essenciais ao linguista da enunciação sobre a linguagem e os modos para um sujeito de se colocar dentro: é no caso a experiência que fiz no meu percurso da metaenunciação. E, reciprocamente, estabelece-se a relação de uma escrita com o campo da prática languageira

comum, da qual ela se distingue, mas no seio da qual emerge a ligação profunda à *experiência humana*, fundante, da linguagem: é desde este lugar que a aventura – por mais singular e extrema que seja – de uma escrita pode ser compartilhada pelo leitor. Assim, por exemplo, as escritas de N. Sarraute ou de C. Simon tocam, na sua forma extrema – e magnífica – na brecha, aberta em cada um de nós pela inadequação da língua na nomeação do mundo.

Colocar, no centro da experiência humana da linguagem, a língua; considerar que está em prova este *real da língua*⁹, sua resistência e sua consistência, que toma forma – para um sujeito que advém na e pela linguagem – no seu dizer, tanto na palavra cotidiana como na escrita mais trabalhada, é, hoje, no campo das *ciências da linguagem*, obstinar-se a ocupar uma posição largamente rejeitada como obsoleta: o movimento de encobrimento do conceito saussuriano (e benvenistianiano) de *língua*, denunciado como *artefato* gramático, *esqueleto* abstrato e normativo, em proveito das únicas *realidades verdadeiras*, *da vida* concreta, profusa, dos discursos, das trocas, da comunicação... dos quais J. C. Milner (1978) e M. Pêcheux (1982) analisavam, criticamente, a emergência, evocando, o primeiro, o desenvolvimento – fatal ao *amor da língua* – de uma “antilinguística”, e o segundo, “a aversão [...] a respeito do que é próprio da língua” operado na “[...] formação [de um] largo consenso antissaussuriano”, com certeza não desacreditado (Authier-Revuz, 1995, p. 47-58; 510-516). Retornando sobre os efeitos, hoje, do que se caracterizava, há vinte anos, como “[...] o segredo fúnebre do mundo moderno: o ódio da alíngua, ou a reclamação irritada de que os homens sejam falantes” (Milner, 1983, p. 48), J. C. Milner pode – observando que “[...] a restauração do substancial em detrimento de qualquer forma (significações em detrimento de qualquer significante) não cessou de acentuar seus efeitos” – concluir seu “Périplo estrutural” sobre esta constatação radical: “Que se se tratasse de dados, de métodos, de noções; Saussure não existiu” (Milner, 2002, p. 249).

Nesta paisagem teórica¹⁰, submerso nos funcionamentos neuropsicossociais, isto que é o vivo da linguagem: o *um* da língua como lei diferencial, e o *não-um* – aventura, abertura, risco, falta e excesso – do sentido e do dizer, os espaços, rebeldes a esta redução, da escrita literária, textos e teorizações, são, para o linguista (obstinadamente unido ao seu objeto língua!¹¹), um precioso recurso. Tais são, por exemplo, as reflexões – intimamente saussurianas – de M. Deguy, evocando o poema “[...] esta façanha especial em língua” da qual, mesmo atraída pelo limite, os riscos e as transgressões “não excedem nem ignoram nem desfazem a língua”, revelando, pelo contrário, “[...] mais da intimidade com a lei [da língua] sempre mais intimamente sondada, enfrentada, desafiada, reconhecida” (Deguy, 2000, p. 13).

A estas observações teóricas sobre a relação entre linguística e escrita, acrescentarei – cedendo à insistência da organizadora destes encontros – alguns elementos no que tange aos modos pelos quais se encontram, na minha experiência pessoal, linguística e escrita.

A escrita se reveste, para mim, há cerca de 25 anos, de duas formas muito

diferentes: uma delas, linguística, e destinada à publicação, na qual a experiência é, de uma maneira radical e repetida, a de um pensamento que se faz, se encontra, na e pelas palavras, que me vêm pelas palavras a que me proponho. Nada é mais estranho à minha prática do que o processo voluntário evocado pelos colegas linguistas: fase de reflexão, sem escrever, seguida, quando *sabem o que têm a dizer*, da fase terminal, e quase automática, quando *se colocam diante do seu computador ou na sua mesa*, para redigir. A esta *escrita*, percebida como *transcrição* de um *todo já feito*, ou, mais gravemente (e fantasmaticamente), como tradução em palavras de um *pensamento*, para mim, corresponde à experiência inversa, do caminho de palavras – materialmente escritas – através das quais toma forma o que eu posso pensar.

A outra prática de escrita é de ordem privada, sem nenhuma finalidade – até nova ordem – de publicação: de maneira mais ou menos densa, superpondo-se às vezes a outra atividade qualquer, para se fazer, oportunamente, mais discreta, [estranha à] distanciada da preocupação de registro do fio de dias de uma jornada (ou de algumas jornadas?), esta prática acompanha-me de um modo aparentemente necessário... Direi que restabelece uma espécie de oxigênio – a oxigenação de uma relação com a linguagem, mais próxima de si e mais próxima da língua; comparável, naquilo, à espécie de intensidade linguageira que se experimenta no âmbito analítico, que se distingue evidentemente pelo silêncio, a solidão e o *vestígio* do que se escreve, levado por um trabalho na e pelas palavras, mas que permanece estrangeiro – e da parte de cá – do trabalho que visaria à escrita de um *texto*.

Uma última observação pessoal: o vínculo – mais estreito, certamente, que aquele, objetivo, da simultaneidade – entre o surgimento desta atividade de escrita e uma ruptura no meu caminho de linguista, com o abandono definitivo de um trabalho de longo fôlego que é dessa competência – pura descrição de regularidades de língua – da análise distribucional, e uma *reconversão* no estudo do fato enunciativo, ou seja, a língua ainda, mas atravessada, *descompletada* pelo sujeito que a habita E, de fato, eu provo nesta parceria, que não cessou, entre escrita e linguística, a solidariedade de duas vertentes – prática e análise – de uma mesma interrogação relativa à linguagem.

Um Dizer ao qual Chega Alguma Coisa

O que está em jogo no dizer nos pontos onde, parado por uma das suas palavras, ele retorna, em laço, sobre ele mesmo? Esfera *superficial* do dizer, este estrato metaenunciativo destaca, se se quer, o *grão* da pele do dizer; mas, do mesmo modo que a pele, ela toca no mais profundo...

As concepções – opostas, evocadas anteriormente – do sujeito e de sua ligação com a linguagem determinam abordagens diferentes do estatuto destas formas na enunciação. Numa ótica comunicacional¹², elas são facilmente assimiladas a *insucessos*, *escoriações*, rotuladas como enganos ou hesitações, e o

oral aparece como o seu lugar natural; elas são muito geralmente consideradas como *imotivadas*, a sua especificidade formal – *se você quer, dizemos, para assim dizer, como se diz...* por exemplo – neutralizando-se num estatuto de fático, pausa, ou mesmo *lubrificante* da fala; mais adiante, é sempre, nivelando sua literalidade, numa esfera de atos de precaução, reserva, atenuação, (falsa) desculpa... destacando uma regulação-ajustamento da interação, da parte de um enunciador atento para prevenir as falhas da relação interlocutiva, para que elas sejam contidas.

Difícil em tal quadro – não desprovido, pensando bem, de pertinência, se a análise não o reduz – dar conta dos incessantes *para assim dizer e X ou de preferência Y*, de C. Simon. Se não se esticou o cordão de isolamento para proteger a comunicação das errâncias da escrita, se é levado a pensar a *relação* entre, por exemplo, os *para assim dizer*, esporádicos, ou os tiques, espontâneos, de um locutor comum e aqueles, calculados, de C. Simon, relação situada *aquem* das interpretações psicológicas de desculpas, reserva, proteção... face a face com o *outro*, com o encontro, no dizer, com a impossibilidade estrutural da *língua*, de nomear de outro modo que não seja *assim*, isto é, imperfeitamente.

Vê-se, neste caso, que se há *defeito*, não é o que ocorre, acidentalmente, no funcionamento de uma maquinaria, por mais eficaz que seja, mas um *defeito* consubstancial à linguagem – uma das não-coincidências que a atravessam – que emerge, localmente, na superfície do dizer.

Assim, as paradas-sobre-palavras dos laços opacificantes não remetem a insucessos ou ajustamentos da interação: aparecem como pontos sensíveis no avançar do dizer – com aquilo que comporta de ingovernável, de descoberta e de tropeço – pontos onde, para o enunciador, aflora a linguagem, a consistência e a resistência da língua no centro do dizer.

Estes pontos onde emerge esta dimensão constitutiva da enunciação que é o seu “autodialogismo¹³” (Authier-Revuz, 1995, p. 148) “diálogo com a sua própria palavra” diz Bakhtin –, quer dizer, este fato, sublinhado por A. Culioli, por exemplo, que se é sempre, no momento em que se enuncia, receptor de si próprio, são pontos de *encontro* que o enunciador promove, no seu próprio dizer, encontro destas palavras que, resistentes a se deixar *atravessar* pelo objetivo do dizer, se impõem com o seu corpo, parando sobre elas o avanço do dizer e suscitando uma *resposta*.

A parada-sobre-palavra é, no seu dizer, encontrar uma palavra e lhe responder: isso supõe a condição (ao mesmo tempo em que as palavras vêm alinhar-se no dizer a serviço de um querer dizer, encomendadas por este) de não ser surdo ou cego às palavras, de dar-lhes tempo de ressoar, de pesar, de afirmar sua identidade, ou seja, de se situar, na relação que se tem com as palavras que se escolhe dizer, no acolhimento do que as mesmas são, do que dizem, do que carregam consigo, e nisso não se é o mestre.

O enunciador responde ao que lhe chega nestes pontos sensíveis de seu dizer: *isso que lhe chega*, nos dois sentidos de *isso que se passa para ele* – uma dificuldade, uma surpresa, uma felicidade, uma lamentação..., – e *disso que*

lhe chega, que *lhe* é trazido por suas palavras, sem que ele saiba.

Deve haver enunciadores a quem, tendencialmente, *não chega nada* no seu dizer, surdos que são a tudo o que – para mais ou para menos – não se ajustaria a sua intencionalidade (e colocaria seu controle como defeituoso). É uma disposição semelhante que evocava com humor Serge Daney, denunciando *a maneira arrogante – não há outra palavra – pela qual Barre trata a linguagem*, quando comentava os redemoinhos suscitados por um discurso deste, formulando um projeto para a França onde – de maneira deplorável para uns, inocente e ineficaz para os outros – ele tinha feito coabitar, a pouca distância, as três palavras do emblema do Estado Francês¹⁴:

É porque não imagina que a linguagem poderia faltar-lhe ou trair o seu pensamento que Barre derrapa tanto. É porque ele nem imagina que as palavras *querem* dizer algo, independentemente de quem as profere, que ele multiplica as rebarbas. Ele não toma as palavras por coisas, toma-as por *suas* coisas [...]. A megalomania é acreditar que seja suficiente que ele, Barre, retome a fórmula *trabalho, família, pátria*, para que esta imediatamente seja tirada da História e lavada de qualquer suspeita de petainismo. Durante as *Perguntas de confiança*, provas não faltam desta crença ingênua na potência resolutória das palavras usadas desde que tenham sido carimbadas com “Barre” [*Libération*: “Les lapsus de Barre”, 28.1.1988, p. 4]¹⁵.

No outro polo, poder-se-ia colocar Barthes¹⁶, por exemplo, e sua *relação inquieta* com a linguagem: é sem cessar que, ao enunciar *do quem-vem-lá?*, *lhe* chegue algo – estereotípiamente, polissemia, inadequação... – nas palavras de seu dizer.

No curso – aparentemente – *unido* de um enunciado, uma parada-sobre-palavra é uma *abertura*. É a abertura, no *um* da fonte enunciativa que escolhe as suas palavras, de um *lugar de escuta*, de recepção e de resposta ao que vem de palavras. Não se trata de *ceder a iniciativa às palavras* – báscula, num regime enunciativo extremo – mas de a elas reconhecer uma parte...

É ainda a abertura do dizer sobre o *espaço de não-coincidências enunciativas*, este que percorrendo as palavras *que não vão de si* e as respostas metaenunciativas que suscitam: lá onde a ilusão de um dizer perfeitamente instrumentalizado consistiria na transmissão, sem perda, entre dois polos interlocutivos, de palavras que asseguram sem equívoco uma nomeação sem vaporosidade¹⁷, a parada-sobre-palavra deixa às palavras o tempo de ir e vir no espaço que as separa das coisas, de difundir, desde o espaço interdiscursivo, as palavras alheias, sedimentadas nele pela história, de fazer emergir, desde o espaço significante da alíngua, em se deslocando, em se recompondo, de outras palavras imprevistas, de ir e vir no espaço que separa os interlocutores irremediavelmente diferentes.

É enfim a abertura – o escapado – fora do desenrolar sintático regular da cadeia, a partir de não importa qual ponto desta¹⁸, *em outro lugar de um outro plano*, metaenunciativo, cujo desenrolar, suspendendo o curso primeiro do

dizer, aparece – ficticiamente – como o que escapa à implacável sucessividade monolinear da cadeia e, por esse meio, àquela do tempo.

A Consistência da Língua e as Não-coincidências do Dizer

Recusando ocultar a sua riqueza e diversidade sintática, lexical, modal... sobre uma armadura de atos comunicacionais, pode-se tomar a sério – ou seja, à letra – as formas pelas quais os enunciadores respondem aos encontros que promovem nas palavras que enunciam; o que desenham então estes *laços* metaenunciativos, através do que elas dizem, é um dizer atravessado – pontualmente – por não-coincidências que abre na enunciação a língua, a sua consistência, a sua resistência, através das suas diversas *maneiras de ser*.

O dizer nomeia o real e encontra a resistência da língua, como grade de distintividade. Em certos pontos de paradas-sobre-palavras, com efeito, dos quais falam os laços opacificantes via resposta de uma variedade de figuras metaenunciativas de adequação/inadequação, é da não-coincidência entre as palavras e as coisas, aberta no dizer pelo sistema da língua: no empreendimento de nomear um real infinito, contínuo, singular, a língua empresta e opõe por sua vez o seu sistema finito de unidades diferenciais e gerais. O *quadro de distinções* (Milner) da língua saussuriana, da língua como semiótica (Benveniste), que permite a nomeação (e o pensamento) é ao mesmo tempo o que a marca de um defeito, a falta do dizer ao formar um com o mundo. Desta experiência fundante da linguagem – a de uma perda – é testemunha tanto a permanência das reflexões teóricas sobre a questão, como a recorrência, através das épocas e culturas, dos mitos consoladores das línguas perfeitas – perdidas ou a construir – que respondem à “melancolia da linguagem” (Pontalis, 1984 apud Authier-Revuz, 1995, p. 535-547).

Sendo o real *radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, a imperfeição da letra sobre o objeto* é fundante: como diz Lacan, *não se acerta o alvo, o referente falhou*. A figura de Funes, imaginada por Borges, encarna a recusa orgulhosa de qualquer compromisso com o fracasso do real: para ele, é por isso que se confunde, sob a mesma palavra *cão*, não só todas as espécies de cães, mas também todos os indivíduos de uma mesma raça, e mesmo que se deva tolerar “[...] que o cão das três e quatorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e um quarto... (visto de perfil)”⁹... é melhor se calar.

Destacando, ao contrário, o compromisso com a não-coincidência entre as palavras e as coisas, os laços metaenunciativos respondem – por palavras ainda – ao encontro pontual da falta nas palavras.

Percorrendo o espaço que separa a palavra e a coisa, inscreve-se uma grande variedade de trajetos, que se pode, muito sumariamente, repartir em figuras: – de anulação da falha, de confirmação da nomeação: *X, digo efetivamente X*;

que se pode, deve chamar X; X, tenho a palavra; X, é a palavra; X, é a palavra exata, justa, que convém; X no sentido estrito; ... e no exemplo (3) anterior;
– de um entre-dois, oscilando entre dizer e não dizer e/ou entre duas palavras: *o que se poderia talvez chamar X; pode-se dizer X?; ou, não ousou dizer; não digo X mas quase; X, me enganei ao dizer Y; X, deveria dizer Y?; X, ou antes Y...* e no exemplo (4) anterior;
– do defeito da nomeação, no plano do dizer ausente a ele mesmo e/ou da palavra que falta à coisa: *X, se se pode dizer; X, desde que a palavra convenha; X, emprego X na falta de melhor, por comodidade; X, a palavra é ruim; X, para assim dizer; X, entre aspas;...*

O dizer enuncia, propriamente, “suas” palavras e encontra a língua como corpo saturado de já dito. Através de um conjunto de figuras, que se pode chamar de empréstimo, o enunciador remete – sob formas muito variadas²⁰ – as tais de suas palavras a uma exterioridade discursiva: assim, por exemplo, além dos enunciados (5), (6) e (11), a seguir, X, empresto este termo a; X, para retomar a palavra de; segundo as palavras de; X, como diz; X, como o chama; o que Fulano chama, batiza de X; X, para falar de maneira vulgar, pedante...; X, no sentido que lhe dá Fulano; Fulano diz X; X (Fulano diz Y);...

O que se encontra assim – localmente – não é mais a língua e o traçado de seus limites, mas a língua como corpo de sedimentação discursiva, da qual o dicionário de língua, por mais rico que seja, não poderia jamais, em sua finitude, dar a não ser uma imagem muito parcial, o que o dialogismo de Bakhtin teorizou (como também a ancoragem interdiscursiva do sentido, posta por M. Pêcheux) como lei permanente do dizer que – passadas as míticas primeiras palavras adâmicas que fazem ressoar palavras novas num mundo ainda não dito – não pode tomar forma fora do já dito que satura *todas* as palavras da língua.

Os laços metaenunciativos que dizem da presença de uma voz outra, abrem – através da representação local que lhes dão – à não-coincidência radical do discurso consigo mesmo: atravessado de todo por vozes estrangeiras, que o alimentam e despossuem, o dizer não saberia fazer *um*, fechado sobre ele mesmo, e, sobre esta vertente do corpo discursivamente sedimentado da língua, a experiência da linguagem – igualmente profunda mas não idêntica à da falta a nomear e, como ela, vivida de maneira radicalmente singular por cada sujeito falante – é aquela da sua *alienação fundante*: não ter palavras *suas*, mas falar com as palavras *dos outros*; não ter palavras *próprias* mas apenas palavras *em comum* – condição mesma disto que se chama uma língua...

*O dizer visa a um sentido e encontra a consistência da língua como corpo de equívoco. O que é questão, com efeito, num terceiro conjunto de respostas metaenunciativas numa parada-sobre-palavra, é – bem ou mal – de uma palavra ou de um sentido a *mais* deste que era intencionalmente visado: respondem a este a *mais*, figuras de acolhimento ou de rejeição (ou de falsa rejeição). Assim,*

entre os laços que retornam sobre um ponto do dizer para proteger (ou parecer proteger, porque explicitar um sentido rejeitado é também uma maneira de colocá-lo em evidência) *seu* sentido de intruso suscetível de se impor – ou de se intrometer – pelo jogo da polissemia, da homonímia, dos trocadilhos, dos mais ou menos, das inversões de letras ou de sílabas na pronúncia de uma palavra etc... podem destacar-se, além dos enunciados (8) e (12), os seguintes: *X, no sentido de p; X, não no sentido de q; X, sem jogo de palavra; X, se ousou dizer; falhei ao dizer X...* e entre os que, ao contrário – da polissemia pensada ao acolhimento festivo de um duplo-sentido imprevisto – fazem aliança com os recursos de equívoco da língua: além do enunciado (7): *X, no sentido q também; X, no sentido p e no sentido q; X, em todos os sentidos da palavra; X, é o caso de dizê-lo; X, é a palavra...*

Nos dois casos, o que está em jogo, ou seja, o que se encontrou no dizer como o que não vai *de si*, num ponto, é a outra palavra, o outro sentido, que de cada palavra pode surgir, à medida dos equívocos da língua. No momento em que o jogo de significantes, de *palavras sob as palavras*, desestabiliza os signos *não-coincidentes* com eles mesmos, do modo mais *selvagem*, é sempre da língua, [desta alíngua] “[...] como puro modo de produzir equívoco” (Milner, 1978), que se trata. Esta função de excesso da língua, à qual Lacan, num jogo homonímico bem-vindo, deu o nome *alíngua*, faz parte – para além dos jogos de palavras cultivados pela publicidade ou o jornalismo contemporâneo, ou do lugar que se lhe reconhece, frequentemente para aí se fechar, nas práticas poéticas e psicanalíticas – da experiência linguageira: é em todo dizer que o fato da não-coincidência fundante das palavras consigo mesmas pode abalar a estabilidade da palavra escolhida, que *libera* um outro – trajeto nas camadas de ressonância de alíngua, de onde retorna, em eco, uma outra palavra ou, se se quer, ela mesma, alterada por este tropeço do meio, do corpo ilimitado de alíngua.

O dizer visa à comunicação com outro e encontra o real do desvio interlocutivo: figuras variadas, de resposta a este desvio, visam a restaurar uma coenunciação num ponto onde ela aparece ameaçada, como, além de (9): *dizemos X; X, me passe a expressão; X, se você quiser; X, se você vê o que eu quero dizer...* ou a mostrar a diferença (de que *não temos as mesmas palavras*) como, além de (10): *isto que você chama de X; X, para retomar vossa terminologia; X, como você acaba de dizer; X, eu sei que você não gosta da palavra...*

O que está em jogo aqui, por trás da imagem pontual que as paradas-sobre-palavras dão, é – se opondo a um imaginário de UM – o desvio estrutural entre os dois sujeitos, não redutível por qualquer cálculo que seja, porque é da singularidade dos dois inconscientes que se sustenta.

Passando pela fileira das três não-coincidências enunciativas que a língua inscreve no centro do dizer – portadoras de falha na apreensão do mundo e de ingovernáveis excessos de palavras vindos de espessuras da discursividade

e do equívoco – a não-coincidência interlocutiva coloca o *mal-entendido* no fundamento da comunicação.

Assim, os espaços sobre os quais se abrem estes *acontecimentos de enunciação*²¹ onde o dizer para e responde ao que lhe chega nas suas palavras, põem a língua em jogo, na enunciação, de maneira contraditória – condição e obstáculo, nutriente e ameaçadora: *sistema de limites*, é ela, para o dizer, condição e apoio, o que lhe permite ser *e* limitação, o que o marca pela falta; *corpo de sedimentação discursiva*, ela traz ao dizer a riqueza dialógica da historicidade do sentido *e* a ameaça de uma despossessão; *corpo de equívoco*, ela anima o dizer de sentidos *a mais* que a libera *e* a ameaça de disjunção, de disseminação, de afogamento na proliferação; *operador de comunicação*, é ela isto pelo qual se estabelece o laço *e* pelo qual se instaura a separação.

O encontro da língua na enunciação, tal como as formas metaenunciativas de respostas ao *que não vai de si* no dizer o fazem entrever – se, ultrapassando as representações pontuais que elas dão, se colocam como constitutivas do dizer as não-coincidências enunciativas – é aquela da materialidade da língua: ela oferece e opõe a consistência e a resistência de seus limites (fronteiras, finitude, constrangimentos e interditos) *que não se pode ultrapassar* (senão localmente), situando o dizer sob o signo da falta não reparável; ela oferece e opõe a consistência e a resistência da profusão, não contornável, de já ditos e de equívoco, invasão de palavras *a mais que não se pode fazer calar*, colocando o dizer sob o signo de um excesso ingovernável.

Tomar os Dizeres – e especificamente os escritos – em seus Laços: a música metaenunciativa dos retornos singulares à linguagem

Nenhum dizer escapa à necessidade de *fazer com* o real de não-coincidências fundantes da enunciação: cada discurso opera seu próprio *compromisso*, ou encontra o seu próprio equilíbrio, entre a parte em que reconhece nele mesmo as não-coincidências que o afetam e aquela, complementar, da necessária ilusão de coincidência na qual ele se protege, sem a qual, por mínima que seja, um dizer não pode *sustentar-se*. Tomar um dizer – uma escrita – nos laços metaenunciativos de suas paradas-sobre-palavras, é proporcionar um acesso esclarecedor ao modo próprio desse dizer *se colocar* na linguagem e suas não-coincidências.

Certas geografias de paradas-sobre-palavras aparecem como traços de gênero (as palavras do outro e a falta de palavras para os referentes desconhecidos nos relatos de viagens, por exemplo) ou de tipos de discursos (a eliminação de qualquer forma de não-coincidência representada nos discursos técnico-científicos, que M. Pêcheux chamava *discursos com referentes estabilizados*), reveladores do funcionamento destes discursos e da imagem que fazem deles mesmos e da linguagem.

Mas é também algo relativo ao modo absolutamente singular pelo qual cada sujeito é *sujeito de linguagem* que faz surgir *suas* paradas-sobre-palavras. Assim, tal palavra, cotidiana, que parece não poder avançar a não ser que se tenha suprido com um *dizemos* o espaço que separa do interlocutor, ou de não poder passar sem a muleta do *se você quiser* – se desculpando diante do peso do querer dizer sobre o outro – ou ainda cerceando incessantemente as suas nomeações do halo de incerteza desiludida do *para assim dizer*, fazem entender, discretas e ignoradas frequentemente pelos próprios enunciadores, músicas metaenunciativas que, de maneira comovente, dizem daquilo que, na linguagem, amarra ou preocupa um sujeito: a falha que, para um, atravessa a *comunicação*, para o outro, a perda que afeta a nomeação, por exemplo.

E o modo singular de fazer parar sobre as palavras aparece como uma dimensão frequentemente importante da escrita. Pode ser, para uma parte determinante, no estrato metaenunciativo do qual ela *se acompanha*, que uma escrita pode encontrar *a forma* desta relação intensa, vital, com a linguagem que nela se joga; encontra-se nos grandes escritos – em C. Simon, N. Sarraute, por exemplo, mas também em R. Barthes ou Marivaux – para os quais a parada-sobre-palavras aparece como o motor mesmo da progressão da escrita, elemento da sua dinâmica, do seu ritmo, parte integrante da sua tonalidade e da sua *tessitura*.

O primeiro traço saliente do acompanhamento metaenunciativo de uma escrita é a sua *densidade*: assim, a profusão metaenunciativa de escritas teóricas como as de Barthes ou Derrida – constantemente sustentadas, contrariadas, questionadas, relançadas por suas palavras e, em especial, a parte de não-governável, o já dito e o equívoco que encobrem – as distingue das de Lévi-Strauss ou de Althusser, no curso muito raramente afetado de desdobramento.

Para as densidades vizinhas, o desdobramento metaenunciativo pode tomar cores muito diferentes, segundo o (os) espaço(s) de não-coincidência que ele põe em jogo. Frequentemente, *uma* não-coincidência impõe-se (às vezes de maneira exclusiva) em uma escrita: por isto é uma relação específica à linguagem que se manifesta, focalizada sobre um aspecto da língua e da linguagem.

Assim, o traçado que desenha, num texto, a insistência de um acompanhamento metaenunciativo parando nas *palavras alheias* – a que chamei de não-coincidência do discurso consigo mesmo – é às vezes essencial à sua economia. Assim, *os normandismos*²² de *L'Ensorcelée*, aos quais Barbey d'Aurevilly se contrapunha frontalmente, e que, para além da expatriação regionalista que produziam, ressoam como eco, nas palavras, da presença, radicalmente *expatriante*, no cotidiano, deste *outro lugar* do fantástico, do irracional que é próprio à *Normandie* de Barbey:

Se acreditássemos nos relatos dos carreteiros que lá ficavam, o charco de Lessay era o teatro das mais singulares aparições. Na linguagem da região, ele reaparecia lá. [...] Também, aquilo só, bem mais do que a ideia de um ataque noturno, fazia tremer *o pedaço de pau* na mão do mais vigoroso galhofeiro

que se arriscava a atravessar Lessay após a caída da noite. A menos que se tenha *divertido* em volta de uma pipa ou de um copo [...]. Uma fonte, de resto, dos inesgotáveis *maus rumores*, como se dizia, que corriam em Lessay [...]. Tendo deitado sobre o seu leito, ela lava toda a noite, ao luar fumoso de seu *gordinho*, as horríveis feridas desta cabeça [...]. E, no entanto, o padre que ela acabava de ver, trágico fantasma encapuzado, e o que lhe tinha contado a *andarilha* de Nônon Cocouan, apossava-se dela poderosamente [...]. [...] num *furor* zuniu para a morte²³.

No texto autobiográfico de Annie Ernaux, *La Place*, a fronteira metaenunciativa traçada entre as suas palavras, de escritora, burguesa culta, e eles, do povo, de fora, da época remota da sua infância, aparece como a forma exata da escrita da ruptura, da separação de uma parte de si, que é o objeto explícito deste livro:

[Meu avô] era um homem duro, ninguém ousava perturbá-lo. Sua mulher *não ria todos os dias*. [...] [Meu pai] tinha aprendido a condição essencial para não reproduzir a miséria dos pais: não *esquecer-se* numa mulher. [...]. Estabelecer um comércio. Eles se puseram a economizar, [...] tinham medo de serem enganados, de perderem tudo para no fim *voltarem a ser operários*. [...] Ela *batalhava* para ele voltar à missa, [...] para que ele perdesse suas *más maneiras* (quer dizer, de camponês ou de operário). [...] A gente tinha *tudo de que precisava*, ou seja, comia-se de acordo com a nossa fome (prova disso a compra de carne, no açougue, quatro vezes por semana), a gente tinha quente a cozinha e o café, únicas peças onde se vivia. Duas vestimentas, uma para todos os dias, a outra para o domingo (após o primeiro uso, se transferia a do domingo para o uso diário)²⁴.

A presença incômoda de palavras provadas na hostilidade familiar, como aquelas, intoléráveis, *deles* (pais, médicos, consenso social anônimo), com as quais, incessantemente, se martela e se fere o dizer, inscreve, na tentativa vital e desesperada que constitui a escrita de Valérie Valère²⁵ – o encontro de um lugar onde talvez lhe fosse permitido viver, tendo já encontrado palavras *habitáveis* – a verdade de sua asfíxiante ameaça:

Quero dizer tudo, e percebo que não poderei nunca ser objetivo; embora reconheça que são “eles” que me tornam “salva” de uma morte certa. Eles me deixaram pode-se dizer curada, mas [...] na verdade todo o mundo perdeu [...] eu aparento viver. As imagens que percebo [do mundo] são as que me chocam, ela me força a recusá-las, a me escapar nas minhas quimeras, a “alimentar uma neurose” como eles dizem. São eles que tinham razão, os que eles chamam de loucos. Eles sabem a verdade. Não quero viver, não aprendi qual a censura a estas pessoas que não “aproveitam” a vida? Nunca, elas [as pessoas] não vão olhar o que se esconde por trás dos bastidores desta traição [a sua maneira de viver], eles estão lá muito bem, não querem “desperdiçar” nada [...] o horrível elo da corrente que chamam respeitosamente “uma aliança”. Em três dias, não os verei mais [...] as crianças abandonadas permanecerão

neste dormitório [...]. Quanto a mim, estarei em uma “família”, esta palavra me fere os lábios como uma lâmina de barbear. A hora das refeições era particularmente insuportável. Esta mulher de tez mate, minha “mãe”, de vez em quando chorava, gritava sempre, me revoltava [...] arrastada à força e, com certeza, era preciso, cada vez mais, que minha “mãe” me acompanhasse²⁶.

Para além destes traçados peculiares e afirmados, que marcam a relação a um exterior, os escritos dizem, no fio de uma densa marcação metaenunciativa, de seu retorno difícil ao *fato mesmo* do já dito, da não-coincidência do discurso com ele mesmo: isto seria, em Nietzsche, a luta contra a *doença da linguagem* que é o seu *agregamento* ou, em Barthes, *ocupado em desnaturalizar o estereótipo*, a contrariar o *continuismo* de que a *doxa* envenenou as palavras, o acompanhamento cerrado das aspas inscreve na escrita, ao mesmo tempo, uma intolerância subjetiva à influência do repetido e uma exigência ética do discurso e do pensamento relativamente ao *que vai de si*.

Na rica viagem – literária e psicanalítica – de *Voleurs de mots*, através das formas tomadas pela *ilusão do exato*, de Michel Schneider, com uma empatia aguda em relação aos que, inconsoláveis, estão em exílio nas palavras dos outros, faz desta relação dolorosa ao *inexato* da linguagem o princípio mesmo da escrita:

[Os escritores] têm, mais do que ninguém, que lutar com a impropriedade de sua palavra; no fundo [eles] não estão presentes eles mesmos na linguagem, o que os impele a se tornarem homens de palavras, mesmo que as palavras estejam exiladas de qualquer sentido familiar (p. 322-323).

O melancólico [e “o escritor melancólico (ele é um dos outros?)” (p. 327)] leva nele uma ilusão da qual ele não fez o luto [...] aquela de uma palavra toda nova [...], únicos [tendo] o desejo da primeira vez e o gosto do próprio, aqueles que se sabem precedidos, torturados e invadidos pelo estrangeiro [e que] se debatem com o rumor incessante do já dito; [provando que] só a linguagem nos cura da linguagem interminavelmente (p. 336, 345, 367).

[...] uma espécie de horror diante da linguagem. Não tal autor, tal estilo, tal língua materna ou estrangeira, mas a linguagem ela mesma. É no entanto este horror secreto que faz os escritores [...]. [...] dado que não se escreve jamais sendo o primeiro, sendo único, nem copista por sistema e por querer (p. 27-28)²⁷.

A escrita de Flaubert – à qual retornarei mais tarde – inteiramente *passada*, aos riscos do sujeito enunciador, do lado da estupidez do já dito, ilumina exemplarmente o que Schneider resgata: o fato de escrever como uma resposta – necessária – a uma consciência que sofre (que desfruta) da linguagem como não indo de si. Mas o que surpreende, ameaça, fascina, enluta... na linguagem, e pode suscitar uma resposta da escrita, que não se limita a este aspecto da consistência da língua que é a sua saturação pelo já dito²⁸. Assim como as palavras diárias revelam, em uns e outros, sensibilidades seletivas diversas no conjunto de não-coincidências enunciativas, também a *melancolia* – ou pelo

menos a intensa admiração – diante da linguagem que produz, como diz M. Schneider, os *homens de palavras* pode se cristalizar – tanto quanto sobre o já dito – sobre o real inacessível, ou o desligamento das palavras, ou o mal-entendido; e as tonalidades tão diversas de acompanhamentos metaenunciativos fazem precisamente ressoar, nas escritas, o que, especificamente, da linguagem, uma escrita trabalha para *curar* pelas palavras.

A dimensão do equívoco – a não-coincidência de palavras consigo mesmas – domina a voz metaenunciativa de algumas escritas. É assim que Julien Gracq atualiza na prosa de Breton, evocando num belíssimo texto (Gracq, 1948) o seu recurso sistemático às palavras em itálicos, liberando de redes sintáticas estritas da “mais supervisionada prosa” o “dinamismo explosivo da *palavra*”; a parada-sobre-palavra marcada pelo itálico é lá descrita como:

[...] uma espécie de coeficiente algébrico feito para multiplicar magicamente [a] potência [da palavra], fazê-la literalmente explodir [...] [conduzindo-nos] a tomar consciência de um “duplo sentido” de palavras que não é o que comumente se pensa [...] a uma tomada de consciência perdida de tudo o que poderíamos esperar se, cada vez que pronunciemos uma palavra, nós só queiramos esperar o retorno do *eco* (Gracq, 1948, p. 183-195).

e marcando

[...] no curso plano de uma frase esta intrusão grosseira da palavra *nu* que de repente nos puxa pela manga, nos força a esfregar os olhos, e instantaneamente a perder pé [...], uma espécie de rebelião instantânea da palavra que, movida pela sua própria força de inércia, escapa de repente pela tangente à curva da frase (Gracq, 1948, p. 183-195).

Para ilustrar – parcamente – esta belíssima descrição de parada-sobre-palavra, não emprestarei ao florilégio dos itálicos de Breton ressaltados por Gracq (ele mesmo impenitente utilizador deste signo metaenunciativo), ao qual retorno, a não ser com dois exemplos tirados de *Nadja*:

Porque eu posso ser tentado a tomar longo fôlego, estou demasiado certo de desmerecer da vida tal como eu gosto e que se oferece: da vida *a perder o fôlego*.

Adoro esta situação que é, dentre todas, aquela onde é provável que mais me tenha faltado *presença de espírito*²⁹.

Não me demorarei nos numerosos textos que fazem a parte bela, ou mesmo decisiva, no acompanhamento metaenunciativo da abertura sobre o equívoco – por exemplo, aleatoriamente, a escrita de San Antonio, acumulando esta dimensão de não-um com aquela, ludicamente levada a efeito, do já dito; o jogo do itálico como indicador, no fio de um texto, do duplo sentido, sexual,

escondido (ou sobretudo que se mostra que se o esconde) duplicando a narração dialogada de uma partida de bilhar em Restif de la Bretonne³⁰, segundo o que Philippe Dubois chama belamente *o engano do oblíquo*.

Gostaria de me deter em dois escritos³¹ teóricos, contemporâneos, de Lacan e de Barthes, ambos caracterizados por uma fortíssima abertura metaenunciativa sobre todas as não-coincidências – o que não é muito comum –, que exibem, entre outros, um grande número de paradas-sobre-palavras ligadas ao equívoco. Com efeito, além da densidade destas formas, testemunhando a sensibilidade a esta dimensão da língua, é de outra relação ao fato do equívoco que as *respostas*, tanto de uma ou outra escrita, apresenta: a diferença se dá tanto ao tipo de equívoco encontrado quanto ao tipo de resposta que lhe chegou.

Assim³², em Barthes

Eu quis tecer uma espécie de levantamento de todos os pronomes para escrever um livro que é certamente um livro do imaginário, mas de um imaginário que tenta se desfazer, no sentido de onde se desfaz um tecido, de se esgarçar, de se despedaçar [...].

[...] este corpo exterior (contingente) que, em situação de diálogo, lança para um outro corpo, tão frágil (ou transtornado) quanto ele, mensagens intelectualmente vazias, cuja única função é, de alguma forma, a *de enganchar* o outro (mesmo no sentido prostitutivo do termo) e de mantê-lo como parceiro. [...] nossa palavra (sobretudo em público) é imediatamente teatral, ela empresta seus turnos (no sentido estilístico e lúdico do termo) a todo um conjunto de códigos culturais e oratórios.

Isto coloca a questão do sentido do corpo (não esqueçamos que em francês – ambiguidade preciosa – sentido quer dizer ao mesmo tempo *significação* e *vetorização*)³³.

domina, como fato de equívoco, a polissemia, e mesmo a polissemia fina (sentidos primeiros etimológicos, metáforas,...), abalos delicados da univocidade que o enunciador acolhe sobre um modo majoritariamente descritivo, gravando as facetas de um sentido *preciosamente ambíguo* – e muito raramente por um estereótipo do duplo sentido como *se ousou dizer, é o caso dizê-lo* ou um *em todos os sentidos da palavra*, não especificadores.

Nos textos de Lacan, o espaço de equívoco aberto pelas paradas-sobre-palavras é aquele, muito mais *selvagem*, das homofonias, homografias, trocadilhos, palavras-valise, pouco mais ou menos; e a frase progride no transbordamento, *fora da palavra*, de outras palavras, da qual – desviado, retornando, despedaçado... – é portador, sem que, diante da erupção sobre a cadeia deste *copo cheio* de significância, o seu curso não se demora nas respostas e comentários metaenunciativos elaborados, indo para além da fórmula condensada (*se você me permite; é o caso de dizê-lo*) ou da marcação mínima; o acompanhamento metaenunciativo do equívoco tende, em relação ao observado em Barthes, a deixar a esta um caráter nativo, *áspero*, se se pode dizê-lo:

Do saber de um Marx na política – que não é nada – não se faz *comércio*, se me permite. Não mais do que se pode de Freud fazer *fraude*.

[...] que haja o gozo que faz falta. A menos que – equívoco entre *falhar* e *faltar* – o gozo que faz falta para traduzir o gozo que falha.

[...] deste gozo, a mulher não sabe nada, [...] Então se o chama, como se pode, este gozo *vaginal*, fala-se do polo posterior da cara do útero e outras baixarias, é o caso de dizê-lo.

[...] é o *meio-sentido*, o *inde-cente*, ou se quer ainda o *reti-cente*³⁴.

[...] levanta-se um S1³⁵, ...que significa³⁶.

O irreduzível desvio entre as palavras e as coisas frequentemente foi colocado no princípio da escrita. É assim nestas duas formulações paralelas e contemporâneas, de Barthes e Abastado:

Desde que não há paralelismo entre o real e a linguagem ela mesma, os homens não tomam o seu partido, e é esta recusa, talvez tão velha quanto a linguagem ela mesma, que produz, numa tarefa incessante, a literatura (Barthes, 1978, p. 22). [...] o “real” não é representável, e o desvio [...] nunca transposto. A história de “Poéticas” é aquela de “expedientes verbais” imaginados neste empreendimento impossível (Abastado, 1977, p. 55).

No que toca à questão da parada-sobre-palavra – na sua dupla dimensão de reflexividade metaenunciativa e de elemento da dinâmica de uma escrita – as reflexões emprestadas do belo livro de Daniel Oster, *Passages de Zénon*, evocam também “[...] o retrocesso – esta distância, este intervalo, esta ausência onde se constitui a literatura” (Oster, 1983, p. 190):

A espantosa disparidade de palavras e de coisas suscita a vertigem mesma onde se produz às vezes a literatura. Sem este intervalo e esta vertigem, [...] faltar-lhe-ia esta perpétua aproximação de um zero que, na condição de nunca ser atingido, lhe acarreta a ocasião e o balanço. [...] Instalar-se no mundo com as suas palavras é uma ilusão ou um lapso, e que desvia para nunca mais o projeto de escrever, se escrever é experimentar sem saciedade nem contentamento o intervalo (Oster, 1983, p. 53).

A distância é o único bem do qual dispõe aquele que escreve assim voltado para as coisas porque ela, a distância, é que faz o desvio: é ela, no melhor dos casos, que ele descreve como o seu verdadeiro objeto. [...] ninguém sabe ao certo o que é que descreve. A distância de palavras às coisas autoriza apenas descrever o intervalo, o que retorna a descrever a descrição, e mais ainda a sua impossibilidade (Oster, 1983, p. 54).

Marcando fortemente este *intervalo*, brevemente ensaiado, como este de que surge o movimento mesmo da escrita e o que a conduz, reconduzindo-a àquilo mesmo que lhe “dá o balanço”, a dobrar-se sobre ela-mesma, ele oferece uma preciosa introdução a alguns fragmentos de escritas³⁷ apresentados a seguir, que marca, ou *porta*, um denso acompanhamento metaenunciativo que

diz da falta de dizer o real.

Nada de mais singular que o modo sobre o qual – no plano da sintaxe, das modalidades, da semântica, do ritmo – uma escrita inscreve nela mesma o dizer de sua falta de dizer.

O tema, insistente em P. Quignard, da perda inerente à linguagem, recebe, no fio da escrita, o acompanhamento de formas que inscrevem no coração do dizer o defeito da sua representação como não-se-fazendo: através do que se pode chamar de as *modalidades irrealizantes do dizer*³⁸ – condicional, negação,... – o desvio, a perda, toma a forma de um modo de dizer sobre o modo de não dizer, onde o dizer, como *ausentado*, faz-se como falta dele mesmo:

[...] ele soluçou disto que assim não é mais tão simplesmente a alegria. Eu não ousaria dizer: de um soluço que excede a alegria.

[...] a espécie de graça que a linguagem [...] ter-nos-ia feito de uma vez por todas que é uma segurança sem dúvida suspeita mas à qual dar livre curso é uma promessa continuada, eu pecaria por excesso dizendo da aprovação, pelo menos de angústias revezadas, de perguntas indeterminadas, ou seja, no fio da leitura, renovadas e suspendidas.

Não importa. Porque quaisquer que sejam nomes, experiências, esperanças, o que reside em todos os casos eu não ousou dizer “adquiridos”, é a ausência da linguagem: perda de qualquer fé na mediação da linguagem³⁹.

Com N. Sarraute, ou C. Simon, deixa-se esta tonalidade *menor* de um dizer fendido de ausência, para escritas cujo curso – alimentado do regresso sobre as suas palavras – relança-se no intervalo entre as palavras e as coisas: este potente movimento, que lhe é comum, de uma escrita que se representa como alimentada de sua falta, progredindo através de seu defeito, inscreve, nesses dois casos, músicas metaenunciativas muito presentes, mas de tonalidade bem diferentes, e pelo que se diz da linguagem, e pelo ritmo que estas paradas-sobre-palavras imprimem à frase.

Em N. Sarraute, o mais típico movimento é o de um *mas* metaenunciativo⁴⁰, respondendo à palavra que se propõe (enunciada ou encarada) sobre o modo de uma interrupção: a voz metaenunciativa – cansada, exasperada, violenta, chasqueada, injuriosa, desesperada,... – *corta a palavra* que se vai dizer, e rejeita as suas palavras *indigentes, brutais, insultadas, grosseiras, vagas, impotentes, ridículas*,...

[...] um resplandecimento... me perdoa estas palavras indigentes, mas onde eu poderia encontrar outras?... um suave, difuso resplandecimento [...].

[...] o grande amor do príncipe Bolkonski (se contudo se está no direito de chamar de amor a este sentimento que ele provava, sempre estas palavras brutais que golpeiam como golpes de matraca), este amor devia [...]⁴¹.

Assim a escrita avança de recusa em recusa, por golpes, num ritmo quebrado, relançada por *imprecações metaenunciativas*, numa espécie de dinâ-

mica, rabugenta, do malogro (o silêncio) recusado; assim, esta passagem de novidade⁴², onde (exceto os *mas* e *se bem que*) renunciei a sublinhar a parte metaenunciativa da escrita, enquanto ela é invasora e, sobretudo, enquanto a narração do *que se passou* não progride senão por intermédio do discurso sobre as palavras que não lhe convêm:

O lugar onde aquilo se passou... mas como “se passou” parece pouco convir a estes momentos, por mais discretos que fossem, privados de importância, de consequência... Pergunte a não importa quem, após momentos tais como estes: “O que se passou?”, e receberá inevitavelmente esta resposta de surpresa: “Mas nada, vejam, o que querem que se tenha passado? Absolutamente nada”. Renunciamos, por conseguinte, ao que se passou... dizemos “foi vivido”... embora esta expressão possa ela também parecer grandiloquente, exagerada, tanto que estes momentos parecem pouco merecer fazer parte do que nomeamos a “nossa vida”. Mas, enfim, é necessário admitir que por mais despercebidos e insignificantes que sejam, se está totalmente no direito de dizer que eles foram vividos...

O lugar propício a estas ocasiões é uma rua [...] mais ou menos vazia – isto é importante para que as duas pessoas que vêm discretamente se inserir nestes breves momentos sejam obrigadas a avançar uma na direção da outra sem que lhes seja possível evitarem-se [...], estas duas pessoas [que] se conhecem muito de longe e vagamente... suficientemente contudo para que ao cruzar-se sintam-se obrigadas a se abordarem... Caso contrário, seria de acreditar que se rendessem... mas como estas palavras que vêm... a preguiça, a falta de sociabilidade, a necessidade de solidão... como são grosseiras, vagas, incapazes de se as tirar fora e de nos deixar ver o que poderia impelir estas pessoas a esquivar-se...

Dizemos que o que poderia fazê-los render-se a esta necessidade de fuga... todos nós o provamos... seria a perspectiva disso ao qual elas serão obrigadas a se submeter... esta pequena operação... pequena? ... Mas o que de bom em tentar razoavelmente, docilmente, decentemente, receosamente proteger-se por detrás de “pequena”? Sejamos francos, não de todo pequena... a palavra que lhe convém é “enorme”... uma enorme operação, uma verdadeira mudança... Cada um destes que agora está um em direção ao outro, inelutavelmente, se adiantam... mas aqui todas as palavras que se propõem para descrevê-lo, ousa-se apenas murmurá-las... palavras como “um infinito”, “uma nebulosa”, “um mundo”... fariam sorrir, fariam corar⁴³.

A retomada metaenunciativa da escrita em sua deficiência não conhece, em Claude Simon, nem a ruptura de recusas, nem os enunciados metaenunciativos de Nathalie Sarraute: ela passa por duas formas maiores, aquela de oscilação entre duas palavras e aquela do *para assim dizer*. A primeira se realiza através dos *X ou antes Y, X ou Y, X, quer dizer Y* e, com uma parte de incerteza, um certo número de justaposição de dois ou três termos: *X, Y, Z*. Bem distintas das formas de correção do tipo *X, não, Y*, cujo movimento termina sobre o ponto fixo, adequado, do segundo termo, estas inscrevem a nomeação num “entre-dois⁴⁴” – forma dada por esta escrita ao intervalo entre as palavras e

as coisas. O constante movimento de retomada em direção a outra palavra que elas imprimem no dizer inscreve uma espécie de pulsação, ritmando e propulsando o seu avanço.

Diferente de N. Sarraute, as formas explicitamente metaenunciativas não são frequentes em C. Simon; a recorrência do *para assim dizer* só é mais notável. No fio das dezenas de ocorrências de *La Route des Flandres*, por exemplo, a sua tonalidade metaenunciativa particular aparece como um elemento *familiar*, característica da música de C. Simon. O enunciador não se subtrai de modo algum no dizer (como no vasto conjunto de formas que relevam um semi-dizer, incluindo as modalidades irrealizantes evocadas mais anteriormente a propósito de P. Quignard); ele não descreve, detalha ou censura nenhum defeito específico a esta ou àquela palavra (como é o caso em N. Sarraute): *para assim dizer* aparece, na língua, entre as formas metaenunciativas, como uma forma *quimicamente pura*, se se pode dizê-lo, do desvio inerente ao dizer – nisto em que o desvio, o defeito que é significado se diz através de uma forma que, literalmente, não diz senão o dizer. Discreta, mas insistente no fio da escrita, ela faz lembrar, de um modo minimal e essencial, a conjunção íntima do dizer e do desvio, como a verdade desta escrita que, opondo-se ao deslizamento, à confusão, à indistinção, à obstinação de dizer e de nomear, e, aprovando sem cessar que o real escapa, se dedica, não a *fixá-lo*, mas apenas – vitalmente – e nas antípodas do silêncio, ao *assim dizer*

[...] em plena retirada ou antes debandada ou antes desastre no meio desta espécie de decomposição de tudo [...] (p. 16).

Então, estava lá [...] as suas botas enlameadas – ou antes empoeiradas – e perdido nos seus pensamentos, ou antes sem dúvida na sua ausência de pensamento, na impossibilidade de pensar [...] (p. 209).

E por cima, em filigrana, para assim dizer, esta insípida e obsessiva tagarelice que, para Georges, tinha acabado por ser não alguma coisa de inseparável de sua mãe, ainda que, contudo, diferente (como, dela se escapando, uma flutuação, um produto que ela segregou), mas, para assim dizer, sua mãe ela-mesma [...] (p. 49).

E no fim de um momento ele o reconheceu: o que era não um anguloso montão de lama seca, mas [...] um cavalo, ou antes o que tinha sido um cavalo (que relinchava, soprando nos verdes prados) e voltava agora, ou já tinha voltado à terra de origem sem aparentemente ter tido necessidade de passar pela fase intermediária da putrefação, ou seja, por uma espécie de transmutação ou de transubstanciação acelerada [...] (p. 99).

[...] era como uma crepitação alternante se recuperando se superpondo se confundindo por instante como se não tivesse mais a não ser um único cavalo, depois se dissociando outra vez se desagregando recomeçando parecia se passar antes e aquilo assim de imediato, a guerra para assim dizer calma para assim dizer pacífica ao nosso redor [...] (p. 296).

[...] o mesmo refrão que se eleva [...] como uma suplicante e burlesca invocação, uma irônica e burlesca censura, ou chamada, ou prontidão, ou não se sabia qual, nada sem dúvida, a não ser as palavras privadas de sentido [...]

numa incansável repetição, o tempo, para assim dizer, também imóvel, como uma espécie de lama, de lodo, estagnante, como fechado sob o peso da sufocante tampa de mau cheiro se exalando de milhares e milhares de homens estagnados na sua própria humilhação, excluídos do mundo dos vivos, e, no entanto, ainda não no dos mortos: entre os dois, para assim dizer, arrastando feito irônicos estigmas os seus irrisórios restos de uniformes que os faziam assemelhar-se a um povo de fantasmas, de almas deixadas por conta, ou seja, esquecidas, ou afastadas, ou recusadas, ou vomitadas, ao mesmo tempo pela morte e pela vida, como se nem uma nem a outra tivesse querido a ambas, de sorte que elas pareciam agora se mover não no tempo mas numa espécie de formol pardacento, sem dimensões, de nada, de incerta duração [...] (p. 113-114) (Claude Simon, *La Route des Flandres*)⁴⁵.

Se o ritmo de uma escrita é uma forma singular da inscrição de um sujeito, com o seu corpo, na linguagem e num dizer, percebe-se, nessas duas escritas – N. Sarraute, C. Simon –, o quanto a forma de paradas-sobre-palavras, pontos sensíveis do encontro do dizer com o corpo resistente da língua, que lá toma parte, altera de maneira tão radicalmente diferente o avanço da escrita.

Por mais invasores que possam ser os laços metaenunciativos numa escrita – tanto que seja por uma não-coincidência, como, por exemplo, em N. Sarraute, assim como em Barthes, cujo *retorno inquieto* à linguagem abre a sua escrita àquilo que pode lhe chegar a partir de todas as não-coincidências do dizer, resulta que estas formas, isoláveis como tais sobre a cadeia, operam uma *partição* entre as palavras *fazendo parada* e os outros que, diferencialmente, aparecem como indo de si. Esta partição aumenta o *compromisso* – essencial para que um sujeito possa sustentar um dizer – com o fato ameaçador das não-coincidências constitutivas do dizer. Porque, se o dizer se *faz* no espaço de suas não-coincidências fundantes, que alimentam um sentido, estrangeiro à fixação única do sinal, estas não-coincidências são também o lugar onde ele poderia *desfazer-se*, se viesse a lhe fazer falta – cedendo, ou se arriscando, na vertigem do real da(s) não-coincidência(s) – a ilusão, vital, de ancoragem no *UM*.

Assim, sobre o *alcance* metaenunciativo de cada escrita, através da especificidade do seu modo de parar nas suas palavras, diz-se algo do compromisso singular que nela se joga com o real de não-coincidências, entre o que nela se *reconhece* e o que nela se *desconhece*: por mais agudo e potente que seja o movimento de *reconhecimento* que se abre, no fio da escrita, sobre o desvio de não-coincidências, este não vai sem uma parte de *desconhecimento*, preservando-a destes desvios, mantidos imaginariamente, por menores que sejam, a respeito.

É precisamente esta parte de desconhecimento⁴⁶ que tendem a recusar, com o compromisso metaenunciativo que ela funda, algumas escritas. Não é quantitativamente que o texto *totalmente entre aspas* de Bakhtin se distingue de uma escrita densamente aspeada; é a economia enunciativa que ela supõe que, qualitativamente, altera: deixando as águas enunciativamente *sábias* das

escritas que, por mais aventurosas que sejam na sua abertura aos não-uns, se demoram numa enunciação *fazendo a parte* do UM, ela corre o risco de ser uma escrita passada *do lado* das não-coincidências, como as que visavam Mallarmé *rendendo a iniciativa às palavras*, e ao jogo *de facetas* do seu *crystal*, ou Flaubert, sonhando com o livro ideal *inteiramente recopiado* e se atribuindo, para *Bouvard et Pécuchet*, a tarefa de um livro onde não haveria *uma só palavra sua*. Em tal visão, as formas locais de parada sobre uma palavra, dentre outras, só podem a não ser se apagar em proveito de um dispositivo textual integral de paradas *recíprocas* de palavras umas pelas outras⁴⁷; os acontecimentos de enunciação marcam, em parada-sobre-palavra, o que de não-coincidências *chega* à escrita, desaparecem em proveito de um *regime de opacificação* generalizada da escrita; e, nesta *báscula* enunciativa à qual se arrisca o sujeito, a figura de um enunciador – que redobrando os laços metaenunciativos – tende a se esculpir, se ausentar em proveito da *voz de uma não-coincidência da linguagem*, a do já dito ou aquela do equívoco, posta, sob o nome de *besteira* ou de *azar*, no princípio mesmo da escrita.

Para concluir, me dirigindo aos geneticistas: questões – formuladas de maneira sumária – que suscitam a minha curiosidade quanto à história, numa escrita, de suas paradas-sobre-palavras...

Os estudos, a partir dos rascunhos, permitem colocar-se a questão do *vir* a ser, numa escrita, disto que, no conjunto de rasuras, hesitações, comentários na margem, é suscetível de estabelecer parentesco com o retorno opacificante sobre uma palavra: o seu destino é fundir-se, ser *reabsorvido*, alisado, num estado ulterior do texto, ou, pelo contrário, de *vir* a tomar lugar sobre o fio da escrita, para nela inscrever o seu movimento de laço metaenunciativo?

E, percorrendo o processo no outro sentido, qual é, numa escrita, a história das *aspas*, *itálicos*, *para assim dizer*, *se se pode dizê-lo*, *é o caso de dizê-lo*, *nos dois sentidos da palavra*, *X, não, Y, X ou antes Y* etc... que apresenta o texto final? São eles *nativos*, surgidos sobre a linha do primeiro jato da escrita, ou o movimento de *retorno sobre as palavras* que eles operam sobre a linha, não apareceu a não ser secundariamente, e sob qual forma: na margem, acima da linha, ou numa segunda versão?

A questão – genética – que eu gostaria de colocar seria aquela dos processos através dos quais se elabora, toma forma – tonalidade, cor, ritmo... – este estrato específico da escrita que é a sua música metaenunciativa.

Recebido em fevereiro de 2011 e aprovado em junho de 2011.

Notas

1 Estudada sistematicamente em Authier-Revuz (1995), a noção de modalização autonímica opera, em relação à noção de conotação autonímica da qual provém (Rey-Debove, 1978) (signo em uso com conotação de menção) vários deslocamentos de

- ponto de vista (em direção a um ponto de vista enunciativo) e de definição, que não posso evocar aqui (ver Authier-Revuz, 1995, p. 27-40).
- 2 Nos enunciados de (3) a (10), o excesso assinala o termo “causador de problema”, e o laço metaenunciativo que retorna sobre o mesmo está em itálico. Em toda a sequência do texto, a marca tipográfica nos enunciados citados é sempre a dos enunciadores; os eventuais sublinhados, em contrapartida, são meus.
 - 3 Nota de Revisão: a revista não emprega o destaque negrito senão em casos de subtítulos no corpo do texto ou títulos de obras nas referências, mas no presente caso e seus correspondentes foi feita a opção por manter o emprego de negrito conforme o original.
 - 4 Nota de Tradução: *À Sombra das Raparigas em Flor* (tradução de *Á l’Ombre des Jeunes Filles en Fleur*) é o segundo volume de *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust e foi publicado na França em 1919 pela editora Gallimard. No Brasil, a obra foi reeditada em 2006 pela editora Globo.
 - 5 Nota da Tradução: neste caso, há uma impossibilidade de tradução para o português do jogo de palavras contido neste uso de *propre*, que significa, além de próprio, também limpo.
 - 6 A suspensão de qualquer equivalência sinonímica pelo jogo da autonímia opõe a modalização autonímica, opacificante, ao conjunto de formas de reflexividade metaenunciativa, sem opacificação, incidentes, não às palavras em sua materialidade significante, mas aos conteúdos, à relação interlocutiva, à organização do dizer, como: o que tenho a lhe dizer; eu lamento ter que insistir, já que você quer saber de tudo, para me resumir, se me permite esta digressão etc.
 - 7 Nas quais intervêm, em especial, o caráter segmental ou não de formas de modalização autonímica e a diversidade de organizações sintático-semânticas (cf (2) a, b, c). Ver Authier-Revuz (1993) e Authier-Revuz (2002).
 - 8 Do lado da psicanálise como prática languageira e teorização desta prática.
 - 9 Movimento contemporâneo de correntes de liquidação dos conceitos de inconsciente freudiano e luta de classes.
 - 10 Cujas incidências práticas, no plano pedagógico, por exemplo, são evidentes: assim Claire Lacoste (2003) nota que, em contradição com o que revela o seu estudo dos processos de escrita de alunos jovens – importância das formas de língua na dinâmica de produção de textos – “a língua [é] grande ausente nas obras de didática da escrita”.
 - 11 Que são majoritariamente, a meu ver, os linguistas “geneticistas” da escrita literária.
 - 12 Para referências detalhadas, ver Authier-Revuz (1995), p. 187 sq.
 - 13 Cf. Authier-Revuz (1995): “ La modalité autonymique comme forme manifeste d’auto-dialogisme ” p. 148 sq.
 - 14 Ver Authier-Revuz (1995), p. 384 “Le passé des mots [...]”.
 - 15 Nota de Tradução: Authier-Revuz refere-se a Serge Daney que foi um dos grandes nomes da história da crítica cinematográfica. Ele produziu uma série de ensaios para o Cahiers Du Cinéma até 1979. Depois dirigiu o serviço de cinema do *Liberation* – Jornal Diário Francês. Os textos deste período, como *Les Lapsus de Barre*, estão reunidos em *Ciné-Journal* e *Devant La Recrudescence Des Vols De Sacs À Main*.

- Em 1992 funda a revista *Traffic*. Um Dossier Daney foi publicado na Revista de Comunicação e Linguagens, n. 23, O Que é o Cinema?, Lisboa, Editora Cosmos, 1996.
- 16 Sobre o lugar da metaenunciação opacificante na escrita de Barthes, ver abaixo e Authier-Revuz (1995), p. 491-495, 694-695, 788-789.
- 17 O que se esforçam para atingir os discursos científicos ou técnicos construídos com este objetivo.
- 18 Sobre a liberdade “a-sintática” do aparecimento de acréscimos metaenunciativos opacificantes, que os caracteriza pela relação às incisas comuns, não ressaltando a parada-sobre-palavra (tais como: a meu ver, convém sublinhar...), ver Authier-Revuz (1995), p. 143-147, e Authier-Revuz (2002).
- 19 Borges, Fictions. Página não informada no original.
- 20 Entre outros, em suma: aos exteriores convocados, de uma fonte precisa ao indefinido de terceira pessoa (Fulano abaixo); aos retornos a este outro, de concordância ou controvérsia; à palavra do outro acoplada a sua ou “em substituição” deste; à delimitação nítida ou incerta do segmento emprestado; etc... Ver Authier-Revuz (1995), p. 269-496, “Les formes de représentation de la non-coïncidence du discours à lui-même: paramètres pour une description” e a aplicação sistemática destes parâmetros diferenciadores no estudo de três diários de escritores, em C. Rannoux (parecer).
- 21 Retomo de I. Fénoglio (1999, por exemplo) esta formulação proposta para o lapso que – de um modo subversivo – destaca também “o que chega ao dizer”.
- 22 Sem as traduções que, como nos relatos de viagens ou nos guias turísticos (X quer dizer Y; X ou Y; X (Y)...), os conduziriam no universo, familiar para si, das palavras.
- 23 Nota de Tradução: os aspectos formais da citação original foram reproduzidos *ipsis litteris*. No entanto, ainda que não conste no texto original, depreende-se que o autor desta citação seja Jules Barbey d’Aurevilly, contista, romancista e crítico literário que animou a vida literária francesa da segunda metade do século XIX, tendo se especializado em histórias de mistério. Ele nasceu em Valognes, cidade localizada na Normandia (França), e descreveu sua paisagem social em seus textos. Sua obra mais famosa é a coleção de contos *Les Diaboliques* que foi publicada na França em 1874. Ele exerceu influência forte sobre autores como Henry James e Marcel Proust. A obra citada, aqui, é *L’Ensorcelée* publicada, pela primeira vez, em 1851.
- 24 Nota de Tradução: Authier-Revuz refere-se á obra de Annie Erneaux, *La Place*, publicada em 1984 pela editora Gallimard.
- 25 Le Pavillon des enfants fous. Jovem anoréxica, Valérie Valère, “curada”, se suicidará alguns anos depois.
- 26 Nota de Tradução: Authier-Revuz refere-se à Valérie Valère, escritora francesa nascida em 1961 que, após ser internada, aos treze anos de idade, em uma ala de crianças loucas de um grande hospital de Paris, decide relatar sua experiência no livro *Le Pavillon des enfants fous*, que foi publicado pela Librairie Generale Française em 1997.
- 27 Nota de Tradução: Authier-Revuz refere-se ao psicanalista e escritor Michel Schneider e cita trecho da obra *Voleurs de mots: essai sur le plagiat, la psychanalyse et la pensée*, publicada pela Editora Gallimard (Paris, 1970).
- 28 Aspecto que, de modo verossímil, concerne o mais vivamente a Schneider, e, con-

sequentemente, às escritas que o detêm.

- 29 Nota de Tradução: Authier-Revuz refere-se ao escritor, poeta e teórico francês André Breton que é o narrador-personagem do romance *Nadja* (Editora Gallimard, Paris, 1988). A história gira em torno de sua busca por Nadja pelas ruas de Paris. Durante a trama, os dois se encontram por acaso algumas vezes e se desencontram em outras ocasiões. Este romance é considerado como expressão máxima do Manifesto Surrealista.
- 30 *Le Paysan perversi*, analisado por Philippe Dubois (1977).
- 31 Em verdade, palavras transcritas, escritos, não realçam, como Barthes recorda no dourado do *Le Grain de la voix*, da escritura.
- 32 Para exemplos e análises detalhadas, ver Authier-Revuz (1995), capítulo VIII, em especial p. 797 e seguintes.
- 33 Enunciados tirados de *Le Grain de la voix*, p. 10, 11, 203, e de *Le Bruissement de la langue*, p. 275. *Le grain de la voix: entretiens 1962-1980* (Paris : Seuil, 1999).
- 34 Nota de Tradução: Em francês: mi-sens, indé-sens, réti-sens.
- 35 Nota de Tradução: Em francês, S1 pronuncia-se: “écên”, que tem a mesma pronúncia da palavra “essaim”, que significa, em português, enxame.
- 36 Enunciados tirados de J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), p. 89, 55,70, 74, 131.
- 37 Encarados de maneira menos sucinta em Authier-Revuz (1995) “Ecritures de l’écart”, p. 696 e seguintes.
- 38 Sobre estas formas, ver Authier-Revuz (a publicar), parte 5.
- 39 Enunciados tirados de *Le Lecteur*, p. 96, 21, 40. Nota de Tradução: Authier-Revuz extraiu esta citação da obra *Le lecteur* (Gallimard, 1999) de Pascal Quignard, escritor francês que produziu muitas obras, dentre as quais *Dernier Royaume* (Grasset, 2002), *Les ombres errantes* (tome I) - *Sur Jadis* (tome II) - *Abîmes* (tome III). Quignard foi professor na Universidade de Vincennes, fundador, em parceria com o ex-presidente François Mitterrand, do Festival de Ópera e Teatro de Versailles e, também, colaborador durante muito tempo para a Editora Gallimard. Em 1994, passa a se dedicar exclusivamente ao trabalho de escritor.
- 40 Ou de variantes: embora, se contudo...
- 41 Enunciados tirados de *L’usage de la parole et Portrait d’un inconnu* (eu sublinho).
- 42 Esthétique em *L’Usage de la parole* (eu sublinho).
- 43 Nota de Tradução: Nathalie Sarraute, pseudônimo de Natacha Tcherniak, foi uma advogada e escritora francesa nascida na Rússia. O seu primeiro romance, *Tropismes* (1939), surge como precursor do *nouveau roman*. Nesse texto, a autora tenta recriar os movimentos interiores da consciência, que constituem, do seu ponto de vista, a “fonte secreta” da existência. A sua obra ensaística encontra-se publicada em *L’Ère du Soupçon* (Editora Gallimard, 1983).
- 44 Reenvio ao belo trabalho de S. Bikialo (2003) sobre o estilo de C. Simon, abordado pelo fenômeno “da nomeação múltipla” que se encerra (título do último capítulo) na retomada desta forma, tão adequada à escrita simoniana do “entre os dois para

assim dizer” (cf. abaixo, extraído de *La Route des Flandres*).

45 Nota de Tradução: Claude Simon, escritor francês ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1985, é um dos mais importantes representantes do *nouveau roman*. Em 1945, escreveu seu primeiro romance – *Le Tricheur (O Vigarista)*. *La Route des Flandres (A Rota de Flanders)* faz parte do ciclo de romances considerado pelos críticos como sendo seus trabalhos mais importantes. Ele foi publicado, pela primeira vez, em 1960, pela Editora Éditions de Minuit na França.

46 Respondendo a esta “parte necessária de besteira [...] com a qual qualquer sujeito é convidado a consentir”, “se anestesiando destes cortes que poderiam dispersar e pulverizer”, que resgata J. C. Milner (1983), p. 135.

47 Esta dimensão de dispositivo de pôr em ressonância recíproca de todas as palavras uma pelas outras – e não pela sinalização de algumas palavras por um laço metaenunciativo local – é resgatado claramente por A. Herschberg-Pierrot (1988), a propósito do Dictionnaire de idées reçues, e, por conseguinte, e do balanço generalizado da não-coincidência do discurso com ele mesmo; e se o reencontra, central, em Mallarmé, a propósito da não-coincidência de palavras com elas mesmas: [as palavras] refletem-se umas as outras até parecer não ter mais a sua própria cor [...]; [...], se exaltam a diversas facetas reconhecida a mais rara ou que vale para o espírito, centro de suspensão vibratória, que as percebe independentemente da sequência normal, projetadas em paredes de caverna enquanto durar a sua mobilidade ou princípio, que não se diz do discurso [...]; [...] pelo choque de suas desigualdades mobilizadas acendem-se reflexos recíprocos como um virtual rastro de fogos sobre pedrarias [...]. [Mallarmé, Crise de vers] (eu sublinho).

Referências

ABASTADO, Claude. *La Glace sans Tain*. **Littérature**, Métalangage(s), n. 2, p. 55-65 out. 1977.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Jeux Méta-énonciatifs avec le Temps*. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Temps et discours**. P. U. de Louvain: Parret H. éd., 1993. P. 87-105. (coll. La Pensée philosophique)

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Ces Mots qui ne Vont pas de Soi**: boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Éditions Larousse (2 v.), 1995.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Psychanalyse et Champ Linguistique de l'Énonciation: parcours dans la méta-énonciation*. In: ARRIVÉ, Michel; NORMAND, Claudine (Org.). **Linguistique et Psychanalyse**. Ed. In Press, 2001. P. 91-108. (coll. Explorations Psychanalytiques)

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Du Dire “en plus”: dédoublement réflexif et ajout sur la chaîne”. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline; LALA, Marie-Christine (Org.). **Figures d'ajout – phrase, texte, écriture**. Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2002. P. 147-167.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Musiques méta-énonciatives: le dire pris à ses mots”. **Marges linguistiques**, n. 7, set./nov. 2004.

BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

BIKIALO, Stéphane. **Plusieurs Mots pour une Chose**. De la nomination multiple

au style de Claude Simon. 2003. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Université de Poitiers, Poitiers, 2003.

DEGUY, Michel. **La Raison Poétique**. Paris: Éditions Galilée, 2000.

DUBOIS, Philippe. “L’italique et la ruse de l’oblique”. **L’Espace et la Lettre, Cahiers Jussieu**, Université Paris 7, n. 3, p. 243-256, 1977.

FENOGLIO, Irène. “Le Lapsus: paradigme linguistique des événements d’énonciation”. **Cliniques Méditerranéennes**, Marseille, Éditions Eres, n. 62, p. 219-238, 1999.

GRACQ, Julien. **André Breton**, quelques aspects de l’écrivain. Paris: J. Corti, 1948.

HERSCHBERG-PIERROT, Anne. **Le Dictionnaire des Idées Reçues de Flaubert**. P.U. de Lille, 1988.

LACOSTE, Claire Doquet. **Étude Génétique de l’Écriture sur Traitement de Texte d’Élèves de Cours Moyen 2, année 1995-96**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Sorbonne nouvelle - Paris III, Paris, 2003.

MILNER, Jean-Claude. **L’Amour de la Langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

MILNER, Jean-Claude. **Les Noms Indistincts**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

MILNER, Jean-Claude. **Le Périple Structural**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

OSTER, Daniel. **Passages de Zénon**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

PÊCHEUX, Michel. “Sur la (dé)construction des théories linguistiques”. **DRLAV**, n. 27, p.1-24, 1982.

PONTALIS, Jean-Bertrand. “La mélancolie du langage”, “Varia”. **NRP**, n. 29, 1984, repris in *Perdre de vue*, Éditions Gallimard, Coll. Connaissance de l’Inconscient, Paris, 1988.

RANNOUX, Catherine. **Les Fictions du Journal Littéraire**. Genève (Suíça): Éditions Droz, 2004.

REY-DEBOVE, Josette. **Le Métalangage**. Paris: Éditions Le Robert (2ème édition, Armand Colin), 1997.

Jacqueline Authier-Revuz é professora na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Temas de pesquisa: heterogeneidade e dimensão metalinguagem da enunciação: autorrepresentação, representação de discurso outro – questões de língua, discurso, escrita, subjetividade – linguagem e psicanálise.
E-mail: jacqueline.authier@wanadoo.fr

Tradução: Leonidas Roberto Taschetto e Regina Maria Varini Mutti

Revisão da Tradução: Fernando Hartmann e Pedro de Souza

Nosso agradecimento a Fernando Hartmann, pela intermediação, junto à autora, da tradução e publicação deste artigo.